

Reação -
Confrontada
com a violência,
Ana decidiu
fazer algo pela
comunidade.



Três países, três mães, um inimigo

Mulheres corajosas que **enfrentam** as **drogas**

Por REGINA PEIXOTO e DANA RUBIN

NO MUNDO INTEIRO, a propagação das drogas e da cultura das drogas vem espalhando o sofrimento entre muitos: famílias com adolescentes que se tornaram dependentes químicos, áreas onde prostitutas viciadas enchem as ruas, bairros cujos cidadãos honestos são aterrorizados pelos traficantes.

Em todo o mundo, porém, muitas pessoas estão resistindo – pessoas comuns cujos filhos e comunidades

vêm sendo ameaçados por traficantes e dependentes. Quando os políticos e responsáveis pela manutenção da lei falham, elas entram em ação.

Mais admiráveis são as mulheres na linha de frente, lutando contra a destruição de suas famílias e bairros. Eis aqui a história de três delas.

Ana Maria Tinelli, Brasil

A O FIM de mais um dia de trabalho, a professora de história Ana Maria Tinelli cruzou o portão de uma das escolas onde lecionava e, ao atravessar a rua, viu um ex-aluno golpear um rapaz com socos e pontapés e roubar-lhe os tênis. Trabalhando em escolas de favelas e comunidades pobres em Vila Isabel, bairro do Rio de Janeiro onde mora, ela sabia o motivo: drogas.

“Foi muito cruel”, lembra ela, emocionada, quase 20 anos depois. Casada, mãe de uma garota, ela observava as condições de vida precárias nessas comunidades e sofria com o crescente envolvimento dos jovens com o mundo das drogas. “Vi que precisava fazer algo para ajudar minhas crianças.”

Ana passou a abordar o assunto nas reuniões dos conselhos de classe das escolas e procurou especialistas com quem discutir o problema. Disposta a atuar mais diretamente na comunidade, entrou para a associação de moradores do bairro.

Quando soube que o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Atenção ao Uso de Drogas (Nepad), da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, estava oferecendo um curso sobre prevenção ao uso de drogas, Ana inscreveu-se.

Ao fim do programa, não querendo que seu projeto Vila Valoriza a Vida fosse apenas um trabalho de fim de curso, Ana tornou-se presidente da Associação de Moradores e Amigos de Vila Isabel (Amavi) e o transformou em realidade. Convidou representantes de igrejas, comércio, associações de moradores de bairros próximos, a escola de samba do bairro e o próprio Nepad, e formou um núcleo com 17 pessoas para ajudá-la a coordenar o projeto.

Graças à experiência nas escolas, Ana tinha a chave para chegar às comunidades amedrontadas pela violência do tráfico. Promovia cafés da manhã para as donas de casa nas escolas, quando conversavam sobre os filhos e falavam das drogas e da prevenção da Aids. A cada mês em uma escola diferente, o grupo era procurado por mães que vinham pedir ajuda para os filhos. Nas reuniões, elas recebiam aconselhamento e eram encaminhadas a serviços de tratamento de dependentes.

Em 1996, o projeto estava em todas as escolas do bairro. Ao ganhar força, o movimento passou a organizar eventos musicais e bingos que nada mais eram do que estratégias para atrair os jovens para palestras, nas quais eram distribuídos folhetos

'Ao atravessar a rua, vi um ex-aluno roubar os tênis de um rapaz. **Eu sabia o motivo: comprar drogas.**'

e cartilhas. Em pouco tempo, o material passou a ser divulgado também nos bares das redondezas.

Com o apoio da comunidade, o Vila Valoriza a Vida trouxe outros frutos: a criação da ONG Raiz Vida, que oferece cursos profissionalizantes para adolescentes; e, em julho de 2001, a inauguração do Centro de Atendimento Comunitário e Cidadania, em Vila Isabel, voltado para o atendimento gratuito de dependentes químicos.

Nos dez primeiros meses o centro atendeu a 174 pessoas. E tudo indica que esse número ainda vai subir muito: a placa diante da casa onde funciona o centro atrai os olhares de quem passa dentro dos ônibus, trazendo dependentes de outras localidades.

Por seu trabalho, Ana recebeu a medalha Pedro Ernesto, dada pela Câmara de Vereadores do Rio. "Ana tem profundo conhecimento do trabalho de prevenção às drogas", avalia a psicóloga Gilda Vieira, do Nepad, responsável pelo atendimento psicológico no centro. "E trabalha 24 horas por dia para a comunidade."

É por isso que Ana, aos 58 anos, é uma personalidade no bairro onde mora. Sobre seu trabalho, ela apenas diz: "A fórmula para afastar as

crianças e os adolescentes das drogas é simples: criar uma rede de proteção social, oferecendo a elas atividades saudáveis e prazerosas. Se cada um fizer a sua parte, temos grandes chances de pelo menos diminuir o problema das drogas."

Carmen Avendaño, Espanha

CARMEN Avendaño sempre teve pressa. Casou-se aos 19 anos e, em cinco, deu à luz quatro crianças; a quinta veio depois. Enquanto o marido trabalhava num banco, ela dirigia uma pequena fábrica de lâmpadas, em Vigo, sua cidade natal, no noroeste da Espanha.

No início da década de 1970, ela teve participação ativa na comunidade, organizando uma associação de pais. Mais tarde, formou também uma associação de moradores e fez campanha em prol de melhorias como esgotos e iluminação nas ruas.

Com a morte do ditador Francisco Franco, em 1975, houve o retorno à democracia, e Carmen, como muitos espanhóis, esperava desfrutar de mais liberdade e de uma situação econômica melhor. Mas a sua região,



Denúncia – Carmen foi a primeira a falar dos problemas do filho.

a Galiza, era pobre. Com suas enseadas e esconderijos isolados, foi durante muito tempo a principal entrada de contrabando de tabaco na Espanha. No início dos anos 80, os contrabandistas se concentraram nas drogas – haxixe, cocaína e heroína.

“Ouvíamos falar dos *hippies* na Holanda”, diz Carmen, 55 anos, de ar sério e olhar firme e determinado. “Mas o problema das drogas era desconhecido por nós.”

Não por muito tempo. Em 1981, o segundo filho de Carmen, um garoto inteligente que gostava de fazer caminhadas e lutar judô, veio lhe falar em particular. “Mamãe, eu preciso de ajuda. Estou viciado em heroína”, ele confessou.

“Fiquei arrasada. Ele estava me pedindo ajuda e eu não sabia onde conseguir”, diz Carmen hoje. “Não havia conselheiros, centros de tratamento, nem informações da polícia ou do sistema judicial sobre como ajudar viciados e jovens criminosos.”

Ela ficou tão atordoada que sofreu um acidente vascular cerebral e teve o lado esquerdo paralisado por um tempo. Vivia também com a enorme sensação de impotência e culpa. Apesar de encontrar um programa de tratamento para o filho e proporcionar o apoio dentro de casa, sua vida estava afundando. Ele ia passar 13 anos na cadeia, condenado por roubo associado ao uso de drogas.

FOTO: © JEFFREY AARONSON/NETWORK ASPEN

No centro de tratamento, Carmen encontrou famílias com problemas semelhantes. Ela e outras mães formaram um grupo de campanha e arrecadação de recursos. Deram-lhe o nome de Erguete – que significa “De pé!”, em galego, o idioma local.

Na primeira entrevista à imprensa, Carmen falou com franqueza sobre a luta do filho e como isso afetava a família. Ela não só denunciou os traficantes de drogas, como citou 45 bares e clubes de Vigo que vendiam abertamente drogas ilegais.

A acusação caiu como uma bomba. “Ninguém antes tinha falado em público sobre os próprios problemas”, diz Carmen. “Tínhamos de fazer a sociedade compreender que a situação era grave e que estava afetando os jovens, que não se tratava apenas de um problema de pessoas marginalizadas, pobres ou de lares desfeitos. Os viciados em drogas vinham de famílias normais.”

A organização deslanchou. Atualmente, a Erguete tem 400 membros, todos parentes de dependentes químicos. Seus colaboradores ajudam jovens viciados a combater as drogas e se recuperar. A rede inclui terapeutas, psicólogos, advogados e assistentes sociais. Eles entram nas escolas para educar os alunos e nos tribunais para assistir jovens réus. Até agora, mais de 4.800 jovens receberam ajuda.

Carmen conquistou inimigos poderosos. Ela conta que recebeu ameaças de morte e tentativas de suborno, e que já mexeram duas vezes nos freios de seu carro. Em peque-

nas comunidades por toda a Galiza, os barões das drogas costumam ser benfeitores locais, que pagam reformas de igrejas ou equipamentos esportivos. Convencer as pessoas a enfrentarem esses criminosos é um grande desafio. E o sucesso se mede passo a passo.

“A situação está bem melhor em Vigo”, diz Belén Sío Lourido, chefe do departamento de serviços sociais da prefeitura. “O consumo de heroína estabilizou-se. O uso de outras drogas, porém, cresceu bastante.”

Infelizmente, as dificuldades pessoais de Carmen não ficaram por aí. O garoto antes problemático casou-se, tem um filho e trabalha como jardineiro. Mas o irmão mais novo também foi atraído para as drogas e está cumprindo pena na cadeia. Quando Carmen tenta falar sobre ele, os olhos se enchem de lágrimas.

Nas suas viagens pela Espanha, ela é reconhecida com frequência. Ao falar para alunos e dependentes em recuperação, ela os alerta: “Minha história não é a única. É a de milhares de famílias. Podia ser a sua.”

Fleur Woudstra, **Holanda**

PROCURANDO uma casa para morar, Fleur Woudstra e o marido, Norbert, concentraram seus esforços no bairro antigo de Groningen, na Holanda. Eles gostaram da atmosfera original, das casas ao longo do canal,

das ruas tortuosas e dos pátios acolhedores.

Groningen, porém, tinha problemas com a prostituição. Naquela época, o comércio de sexo era ilegal e não regulamentado, mas nos meados da década de 80 as prostitutas começaram a trabalhar nas ruas. Segundo a polícia, a maioria era viciada em drogas, muitas eram adolescentes com grande necessidade de dinheiro. Elas passaram a ocupar uma ponte perto da casa de Fleur. Cafetões e traficantes de drogas faziam a coleta nas esquinas. Nas noites de verão, o tráfico parecia interminável. As ruas haviam se transformado numa área suja, proibitiva.

O crime pelas redondezas aumentou muito. Residentes idosos eram assaltados nas portas de casa, e as pessoas começaram a se mudar. Os vizinhos resolveram reagir.

Autodenominando-se A-Kwartier – ou Bairro A –, eles levaram a briga até a prefeitura. Faziam reclamações freqüentes ao prefeito sobre a prostituição e as drogas, tentando forçá-lo a tomar uma atitude.

A prefeitura inaugurou um abrigo diurno para os viciados numa rua do A-Kwartier e logo depois um menino se espetou acidentalmente com uma seringa usada, que estava no chão, perto da sua casa. Durante meses ele foi monitorizado para ver se encontravam sinais do vírus HIV. “Eu estava horroriza-

80



Ruas limpas – Fleur derrotou a corrupção que dominava seu bairro.

da”, diz Fleur, mãe de dois meninos. “Todas as crianças do bairro estavam em perigo.”

Como presidente do grupo, Fleur tornou-se “o rosto do A-Kwartier”, e deu uma série de entrevistas explosivas pelo rádio e pela TV sobre a crescente ameaça que os traficantes de drogas e dependentes representavam para a comunidade. Fleur, professora de inglês e alemão, de cabelos vermelhos espetados e um jeito franco e extrovertido, tornou-se perita em debater com políticos e incitar os vizinhos a agir. E aprendeu a usar a criatividade a fim de chamar a atenção para a causa que defendia.

Para uma festa no bairro, os ativistas construíram uma seringa de dois metros de altura com velhos barris de alumínio. De um lado e do outro, faixas impressas diziam: “A última seringa de drogas queira deixar o A-Kwartier, por favor.” Armaram tudo dentro de um barco e ficaram subindo e descendo o canal.

Em outubro de 1998, numa recepção para o novo prefeito, eles levaram um cartão-postal enorme, endereçado à prefeitura, com o rosto do prefeito no selo e a mensagem: “Ajude a manter o nosso bairro limpo e seguro, por favor.”

“As pessoas podem ter achado graça”, diz Fleur, “mas pelo menos entenderam.”

Em 1999, a prefeitura inaugurou uma zona quase-legal, numa área industrial próxima, especificamente para os viciados de rua. A paz voltou ao A-Kwartier. Hoje ele usufrui de um surto de popularidade, ao lado de todo o centro histórico de Groningen. No verão, os visitantes lotam a área, atraídos pelos armazéns

reformados que abrigam galerias de arte e pelos numerosos cafés. “Os problemas, na sua maior parte, acabaram”, diz Han Ouwerkerk, prefeito de Groningen de 1991 a 1998. “A área agora está mais limpa. E mais segura.”

Mas Fleur e seus vizinhos perceberam que não eram os únicos. Outras cidades e prefeituras enfrentavam os mesmos problemas. A associação juntou-se a outras cidades para formar o Comitê Nacional Holandês Contra Problemas Relacionados às Drogas, que hoje compreende aproximadamente 130 grupos. Desde 1998, Fleur é a presidente.

Eles fazem campanha por leis mais rígidas contra dependentes que cometem crimes, apóiam programas de tratamento antidrogas e treinamento para o trabalho; e insistem no alojamento patrocinado pelo governo para os viciados que dormem nas ruas. “Queremos leis que garantam o direito do cidadão de viver num ambiente agradável e andar na rua com segurança”, diz Fleur.

ELOGIO SINCERO



Meu pai nunca deixava de ir para o trabalho de bicicleta – com chuva, granizo ou neve. Entretanto, ao se aposentar, para substituir as pedaladas, ele passou a caminhar todos os dias. Em uma ocasião, encontrou um amigo que perguntou:

– Como vai?

Ao que papai respondeu, todo orgulhoso:

– Acabo de dar minha voltinha da beleza. Que tal estou?

O amigo o olhou de cima a baixo e replicou, com um sorriso:

– Você não caminhou o bastante.

—LENA WILMS, *Canadá*

Entre aspas

A única riqueza é a motivação. Se você perde a motivação, aos poucos perde tudo.

—CARLOS GHOSN, brasileiro, presidente da Nissan, na *Época*

A maior parte do aprendizado da vida se faz muito mais por imitações do que por explicações, demonstrações, sermões. —JOSÉ ÂNGELO GAIARSA, *O olhar (Editora Gente)*

Sabe o que é o poder? É segurar o medo de outra pessoa nas mãos e mostrá-lo a ela. —AMY TAN

A concentração brota de um misto de confiança e de fome. —ARNOLD PALMER

Quem disse?

Precisa ser arrogante, achar que vai ganhar. Não existe esse papo de que competir é gostoso.

- a) Luiz Felipe Scolari
- b) Fernando Scherer (o Xuxa)
- c) Felipe Massa
- d) Galvão Bueno

—VEJA A RESPOSTA ABAIXO

b) Fernando Scherer na TPM

Fiz um acordo com o tempo. Nem ele me persegue, nem eu fujo dele.

—MARIO LAGO no *Jornal do Brasil*

Nos últimos anos, nada que começasse com “Era uma vez...” na televisão ou em qualquer outro meio rendeu uma boa história.

—WILLIAM J. BENNETT, *The children's book of virtues (Simon & Schuster)*

Feliz é o homem que no fim da vida possui apenas o que deu aos outros. —ARMANDO FUENTES AGUIRRE, *Reforma (Cidade do México)*

Às vezes é preciso conhecer muito bem uma pessoa para se dar conta de que vocês dois são estranhos.

—MARY TYLER MOORE em *Inside the Action Studio (Bravo)*

A única forma de ter uma vida de verdade é se comprometer com ela como um louco.

—ANGELINA JOLIE em *Première*